

ARTIGO

Notas de memória: as primeiras influências de Carlos Nelson Coutinho no marxismo brasileiro

Ricardo Antunes*

RESUMO: Este pequeno texto pretende recuperar algumas *notas de memória* acerca da trajetória intelectual e política de Carlos Nelson Coutinho, responsável por uma das mais criativas formulações dentro do marxismo brasileiro. Recordaremos algumas dimensões originais de seu pensamento de “juventude” que tiveram forte impacto nos marxistas brasileiros dos anos 1970/1980, dentre eles: 1) a fertilidade de sua crítica literária de inspiração lukacsiana; 2) a crítica ontológica ao estruturalismo; 3) o profícuo esforço na busca da *particularidade* do capitalismo no Brasil a partir do conceito de via prussiana; 4) a introdução do conceito de *capitalismo monopolista de Estado* no Brasil, reelaborado à condição brasileira marcada pela *dependência* e *subordinação*, dentre outros pontos de relevo à obra teórica e política de Carlos Nelson Coutinho.

PALAVRAS-CHAVE: marxismo e ontologia; capitalismo e via prussiana; marxismo e política.

I

Datam do início dos anos 1970 as minhas primeiras recordações de Carlos Nelson Coutinho. Se para outros tantos a datação pode ser diferente, para aqueles de minha geração seu nome começou a exercer influência certa quando iniciamos nossa luta contra a ditadura militar. Como tantos outros, eu buscava, então, no marxismo, tanto suas trilhas teóricas, quanto suas formas de organização e ação políticas, que ainda eram ou predominantemente clandestinas ou semiclandestinas.

Talvez por um traço geracional – eu era um adolescente em fins dos anos 1960 – passei ao largo da luta armada que marcou esse período, mas, na viragem da década, atuando inicialmente no movimento estudantil e posteriormente na oposição sindical, ingressei de “corpo e alma” nas lutas políticas contra a ditadura. A busca pelo marxismo, num momento de derrota da luta armada, aproximou-me (ainda que por poucos anos) do PCB.

O partido vivia um período difícil: uma brutal repressão ceifou parte de seu Comitê Central e assassinou vários de seus militantes. Lembrome como se fosse hoje do anúncio trágico das mortes, nos cárceres e porões da ditadura em São Paulo, de Vladimir Herzog e Manoel Fiel Filho. Do horripilante Armando Falcão, ministro da ditadura, anunciando as prisões e repressões (omitindo os assassinatos) nas gráficas e na direção do PCB (e também do PCdoB, quando parte de seu Comitê Central foi dizimado na Lapa). O PCB encontrava-se, também, muito dividido, com grupos heterogêneos tentando reconstruí-lo em vários estados. A nossa (pretendida) tarefa era árdua: reorganizar o partido, ajudando a dotar-lhe de densidade teórica e política, para que se separasse definitivamente da dogmática ainda forte em sua estrutura.

Foi neste contexto e circunstância que os textos de Guilherme Marques, cada vez que chegavam do exterior (publicados no jornal *Voz Operária* ou rodados em mimeógrafos clandestinos), eram bastante disputados. Sabíamos, então, que o pseudônimo era do jovem marxista

baiano Carlos Nelson Coutinho, radicado no Rio de Janeiro desde os anos 1960, mas fora do país durante seu exílio. Junto com seu amigo inseparável, Leandro Konder, Carlos Nelson oferecia sempre uma formulação criativa e frequentemente original: sua forte influência lukacsiana era profundamente inspiradora e *ponto de partida* para a reconstituição de um marxismo mais aproximado à concretude brasileira. Recuperava as linhagens iniciadas por Astrojildo Pereira, adensadas por Caio Prado Jr. (inspirador maior de nosso grupamento dentro do PCB), não sem incorporar e reconhecer também o importante legado de Nelson Werneck Sodré, todos presentes de algum modo nos textos de Carlos Nelson. Foi dentro desse espírito que, pouco tempo depois, um grupo de intelectuais (dentre eles, José Chasin, Gildo Marçal Brandão, Marco Aurélio Nogueira e em seguida Celso Frederico, em São Paulo, com apoio de Nelson Werneck Sodré, Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder e José Paulo Netto, no Rio de Janeiro), criou, em 1977, a revista *Temas de Ciências Humanas*.

Neste pequeno texto (que escrevo com sentimento dúplice: de enorme tristeza pela perda do amigo, alternada por uma lembrança comovente), não tenho outro objetivo senão recuperar algumas *notas de memória*, correndo o risco de cometer alguns embaralhamentos que a distância propicia, ao fazer a memória vacilar. Mas como a morte de Carlos Nelson nos atingiu de golpe, recorro aqui às lembranças, para tão somente indicar algumas pistas deixadas pelo marxista baiano, especialmente em sua produção de juventude. Nascido em 1943, nos anos 1970 – década que estamos recordando – Carlos Nelson completava o que Sartre sugestivamente denominou como *idade da razão*.¹

II

A *primeira lembrança* que tenho dos escritos de Carlos Nelson remete à literatura. Lukacsiano fino e criativo, nosso jovem marxista indicava caminhos experimentais para se compreender, por exemplo, a escritura de Graciliano

Ramos, Lima Barreto e Kafka. De Lima Barreto vinha a percepção da funda crítica social que plasmava sua escrita refinada; partindo da formulação de Lukács, situava Kafka no campo de um realismo *parcial*. Mas foi *para além* de seu velho mestre, transcendendo-o *lukacsianamente*.²

A *segunda lembrança* que recupero (e aqui não há nem mesmo uma hierarquia cronológica, que certamente seria lacunar e imprecisa) foi a descoberta que eu fiz de seu livro *O Estruturalismo e a miséria da razão* (Paz e Terra, 1972). A polêmica *áspera* com os estruturalismos (Lévi Strauss, Roland Barthes, Michel Foucault e especialmente Louis Althusser), no auge da vigência dessa última variante do materialismo que impactava a França (e se esparriava também pela USP), fez com que seu texto fosse devorado por aqueles que percebiam o derretimento da ontologia e o endurecimento das estruturas desprovidas de subjetividade. Claro que se trata de um livro *datado*, com altos e baixos, como o próprio autor tantas vezes recordou, em sua fase posterior; mas ele teve papel de destaque, ao caminhar pela *contramão*, na travagem da influência exacerbada do estruturalismo e no resgate do marxismo de matiz ontológica que se exercitava no Rio de Janeiro, sem rupturas entre o “jovem” e o “velho” Marx, em distinção à certas leituras de *O capital* que floresceram em outras plagas e que por vezes emaranhavam-se pelos (des)caminhos do estruturalismo.

A *terceira lembrança* da influência de Carlos Nelson deu-se pelo seu esforço criativo em buscar a apreensão da particularidade do nosso capitalismo, recusando o transplante da transição *clássica* vivenciada pela Inglaterra ou França. Ele foi buscar, novamente pela influência lukacsiana, mais similitudes na conformação do nosso capitalismo com a *via prussiana* do que com a *via clássica*. Neste esforço, do qual foi um dos pioneiros, Carlos Nelson pensou no solo social que permitia o florescimento de autores vitais de nossa literatura, como Lima Barreto, mas também nas trilhas que o nosso capitalismo percorrera, mais *prussiana* do que *clássica*.

Aqui Carlos Nelson encontrava, no interior do mesmo PCB, intelectuais marxistas como Luiz Werneck Vianna e José Chasin, de onde, cada um, ao seu modo, oferecia contribuições de relevo nesta analítica, no que foram seguidos por uma *segunda geração*, que abraçou e deu continuidade à mesma causa. Essa influência fora tão forte para Carlos Nelson que, no ano de 2000, quando realizei meu concurso para professor titular no IFCH/Unicamp – e tive a enorme felicidade de “reencontrá-lo” na banca examinadora – ele me perguntou se eu ainda caminhava por estas trilhas (ou as havia abandonado), uma vez que meu trabalho apresentado neste concurso – o livro *Os sentidos do trabalho* – tematizava a partir da contextualidade do capitalismo e do trabalho em alguns dos principais países capitalistas “avançados” e não fazia referência a este debate.

Minha resposta foi claramente positiva. E pude lembrar, no momento especial do reencontro, depois de tantos anos onde nossos caminhos teóricos e políticos nem sempre confluíam, a forte influência de seus escritos “de juventude” sobre minha formação, além da enorme felicidade que sua presença significava para mim. A partir de então, vale acrescentar, nossa relação intelectual tornou-se muito mais próxima e fraterna. Nossa correspondência tornou-se novamente frequente e cada vez mais amigável, interrompida somente pela sua morte brutal.

A *quarta lembrança* da influência de Carlos Nelson remete à introdução que ele ajudou a fazer no Brasil, do conceito de *capitalismo monopolista de Estado*, que creio – aqui é uma suposição, pois a lembrança pode ser falha – foi por ele absorvido especialmente a partir do marxista francês Paul Boccara. Seu texto militante – posteriormente republicado em artigos, um deles, sempre puxando pela memória, na revista *Ensaio* em sua primeira fase – chamava atenção para a importância dessa reflexão acerca do *capitalismo monopolista de Estado*.

Mas, o que na época mais chamou mais atenção foi que Carlos Nelson (é bom lembrar sempre sua parceria intelectual com Leandro Konder, outro marxista frequente nas

discussões no interior do PCB) adicionou ao *capitalismo monopolista de Estado* a sua condição de *dependência e subordinação*. Ele criava, assim, a possibilidade de se pensar essa categoria elaborada a partir da particularidade do capitalismo dos países europeus do pós-guerra, adicionando uma *particularidade* decisiva, dada pela condição de *subordinação estrutural ao imperialismo*. Assim, a categoria nova – *capitalismo monopolista de Estado dependente* – poderia ajudar a pensar a particularidade brasileira, caracterizada por uma industrialização forte, porém hiper tardia e subordinada ao capital externo e às burguesias forâneas.

III

Logo no início da década de 1980, ambos deixamos o PCB. Pouco antes de sair, Carlos Nelson aprofundou sua militância intelectual e política nas trilhas do eurocomunismo, sendo responsável por texto de forte impacto na esquerda brasileira, com o título sobejamente conhecido e não menos polêmico: “A democracia como valor universal” (1979).

A crise no interior do partido se aprofundava: a ruptura recente de Prestes exercera forte impacto, as dissensões se amplificaram significativamente e Carlos Nelson Coutinho, em 1982, deixava o partido ao qual tanto tempo contribuíra com sua militância intelectual e política. Nossos caminhos se distanciaram nesta década de 1980: embora ambos tenham ingressado no PT, nossas vertentes eram bastante diferentes. Para minha felicidade, em 1993, pudemos retomar nossa interlocução: Carlos Nelson participou de importante encontro internacional sobre a obra de Lukács, no IFCH/Unicamp, onde apresentou seu excelente texto *Lukács, a ontologia e a política*.³

O primeiro e principal introdutor de Lukács no Brasil (junto com Leandro Konder, José Chasin e José Paulo Netto), desde fins de 1970 já havia iniciado sua inflexão de Lukács rumo a Gramsci. Mas o fez sem nunca desconsiderar o primeiro mestre, reavaliando-o, como se poder-se constatar no artigo acima mencionado, no qual

apresenta tanto os pontos de conexão como os de distanciamento entre as duas ontologias materialistas mais excepcionais do século XX. Ele era o marxista brasileiro mais qualificado para apresentar estas duas formulações: conhecia como ninguém as obras de Lukács e Gramsci.

E foi à obra gramsciana que Carlos Nelson dedicou as suas últimas décadas. Sua contribuição ao conhecimento em profundidade da obra do filósofo sardo no Brasil é por todos conhecida e reconhecida: basta dizer que ele liderou o espetacular trabalho de tradução dos *Cadernos do Cárcere*. Escreveu também inúmeros artigos e livros sobre a obra de Gramsci, participando, uma vez mais, da renovação vigorosa do marxismo brasileiro, trabalho que lhe trouxe ressonância internacional.⁴

No ano de 2000, como mencionei anteriormente, tivemos a oportunidade de consolidar plenamente nossa retomada. O nosso reencontro intelectual e pessoal estava definitivamente selado, para minha enorme felicidade, que faço questão de externar publicamente uma vez mais. E, quem diria, fomos juntos à Brasília em 2004, para ajudar a fundar o Psol, já escolados pelos anos de PCB e de PT. Nosso reencontro foi, então, também político, como nos velhos tempos.

Penso, para concluir, que há um esboço do amplo leque de questões e temas que saíram da safra de Carlos Nelson, especialmente em sua *primeira fase* e sobre os quais os jovens marxistas de hoje, no Serviço Social e nas Ciências Sociais em geral, poderão se debruçar, estudar e investigar. Será a melhor homenagem ao amigo que se foi. E que ajudou a construir o melhor do marxismo brasileiro das últimas décadas.

Notas

- ¹ O excelente artigo de José Paulo Netto, “Breve nota sobre um marxista convicto e confesso”, no livro *Carlos Nelson Coutinho e a renovação do marxismo no Brasil* (In: Braz, M. (org.), São Paulo: Expressão Popular, 2012), oferece um inventário cuidadoso da vasta obra de Carlos Nelson e é, por

isso, ponto de partida imprescindível para qualquer pesquisa a ser realizada sobre ele. E o livro oferece, nos artigos que apresenta, vários elementos de relevo sobre a vida e obra de Carlos Nelson.

- ² Ver “Kafka: pressupostos históricos e reposição estética”, in: *Temas 2*. São Paulo: Ed. Grijalbo, 1977, p. 17. Sobre Lima Barreto e Graciliano Ramos, ver *Realismo e Anti-Realismo na Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974, onde, além de Carlos Nelson, já é visível a existência do “grupo lukacsiano radicado no Rio de Janeiro”, com Leandro Konder, José Paulo Netto e Sergio Henriques, dentre outros.
- ³ Publicado em *Lukács: um Galileu do século XX*, in: Antunes, R. e Rego, W. (orgs.), São Paul: Boitempo, 1996.
- ⁴ Basta mencionar aqui seu recente livro publicado no exterior: *Gramsci's political thought*. Leiden/Boston: Brill/HM Book Series, 2012.

Ricardo Antunes

- * Professor titular de sociologia do trabalho no IFCH – Unicamp e autor, entre outros livros, de *Os sentidos do trabalho*, (Boitempo, 12ª edição, 2010), *Adeus ao trabalho?* (Cortez, 15ª edição, 2010) e *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*, em coautoria com Ruy Braga (Boitempo, 2009). Coordena as coleções *Mundo do Trabalho* (Boitempo), *Trabalho e Emancipação* (Expressão Popular) e é pesquisador do CNPq.